



TECENDO OLHARES EDUCATIVOS SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: RELEXÕES ACERCA DE UMA CRIANÇA ALFABETIZADORA

Albanisa Pereira Silva

Universidade Estadual da Paraíba

albanisa.uepb2013@outlook.com

Yara Gomes Silva

Universidade Estadual da Paraíba

yarasl1354@hotmail.com

Rita Iara Pereira Alves

Universidade Estadual da Paraíba

professorarita2010@hotmail.com

Elizabete Carlos do Vale

Coord. de Área – Subprojeto Pedagogia-Campus I

UEPB/PIBID/CAPES

E-mail: elisabetevalepibid@gmail.com

RESUMO: O processo de aprendizagem de leitura e escrita na educação escolarizada é um desafio, tanto para o educador, quanto para o educando. Vale salientar que, alguns fatores externos, tais como sociais, econômicos, culturais, entre outros, interferem diretamente no processo de compreensão e apropriação do aluno no mundo letrado. Neste contexto, é preciso consideramos a criança como um futuro cidadão, capaz de pensar por si, nós, educadores, teremos que lhe dar condições de ser autônoma, levando-a a resolver seus problemas e evitando dar-lhe as respostas. Assim, a criança deve ter liberdade para interagir com os colegas e com o professor, e ter autonomia para interagir com o objeto do seu conhecimento (RUSSO, 2012). Sendo assim, a criança no esforço de compreender o mundo que a rodeia, levanta problemas muito difíceis e abstratos e trata por si própria, de descobrir resposta para ela (FERREIRO 2000). Portanto, este artigo trata-se de um relato de experiência de um dos nossos alunos do 2º ano, referente ao nosso trabalho desenvolvido no PIBID (Programa de Iniciação à Docência), em que a partir da experiência, obtivemos resultados satisfatórios e proveitosos. Como referencial teórico, este estudo fundamenta-se nas discussões de FERREIRO (2000), SIMÕES (2006), SOARES (2008), MICOTTI (2009) e RUSSO (2012) para nos dar possibilidade de constatar a relevância do processo de alfabetização na educação escolar.

Palavras – chaves: Alfabetização, Aprendizagem, Educação escolarizada.



INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização na educação escolarizada é um desafio, tanto para o educador, quanto para o educando. Segundo SIMÕES (2006), a apropriação e domínio da leitura e da escrita, pela criança em especial, nos anos iniciais, é um processo de alto grau de complexidade. Vale salientar que, alguns fatores externos, tais como sociais, econômicos, culturais, entre outros, interferem diretamente no processo de compreensão e apropriação do aluno no mundo letrado. Diante disso, é de fundamental relevância que o professor propicie nas aulas, procedimentos e estratégias metodológicas e didáticas, as quais contribuam no processo de aprendizagem da leitura e escrita de maneira proveitosa. Nesse contexto, CHARLOT (2003 apud MICOTTI, 2009, p. 36) afirma que, o sucesso no aprendizado vincula-se à correspondência entre a busca de compreensão do mundo que a criança empreende e o que os estudos lhe proporcionam, isto é, a correspondência entre o sentido que o aluno atribui à sua participação no trabalho escolar e o sentido que a escola atribui a seu próprio trabalho.

Segundo FERREIRO (2000), a escrita pode ser considerada como sistema de representação da linguagem ou como código de transcrição gráfica das unidades sonoras, onde faz algumas considerações em que consiste essa diferença, na qual diz que na codificação tanto os elementos como as relações já estão predeterminadas, e no caso da criação de uma representação nem os elementos e nem as relações estão predeterminadas. A autora ratifica que, se a escrita é concebida como sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, isto é, em uma aprendizagem conceitual, mas se a escrita é concebida como código de transcrição, sua aprendizagem é concreta, como a aquisição de uma técnica.

Na concepção de SOARES (2008), a alfabetização é definida como processo de aprendizagem de habilidades necessárias aos atos de ler e escrever e letramento



como estado ou condição do sujeito que incorpora práticas sociais de leitura e escrita. Assim entendidos, os termos alfabetização e letramento não são sinônimos. Trata-se de processos distintos que, contudo, ocorrem de forma indissociável e interdependente.

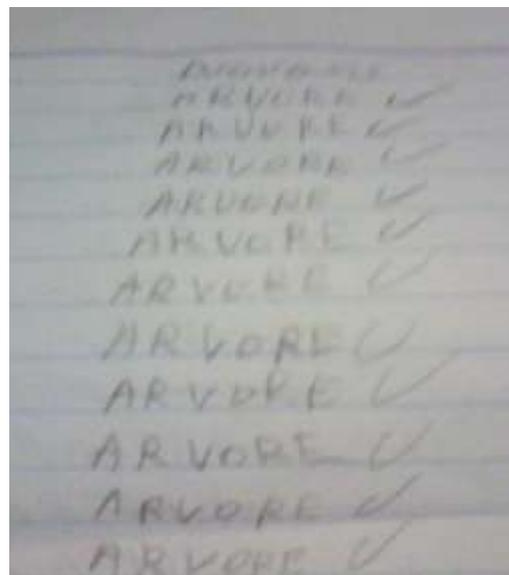
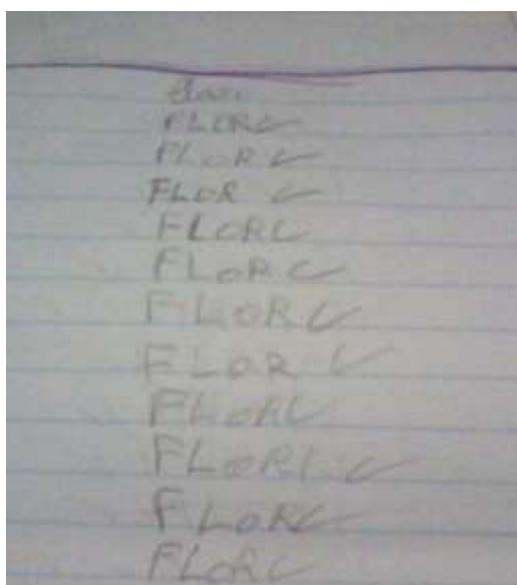
METODOLOGIA

Este artigo trata-se de um relato de experiência de um dos nossos alunos do 2º ano, referente ao trabalho referente ao PIBID (Programa de Iniciação à Docência), em que a partir da experiência, obtivemos resultados satisfatórios e proveitosos com o desenvolvimento e progresso da aluna no processo de alfabetização.

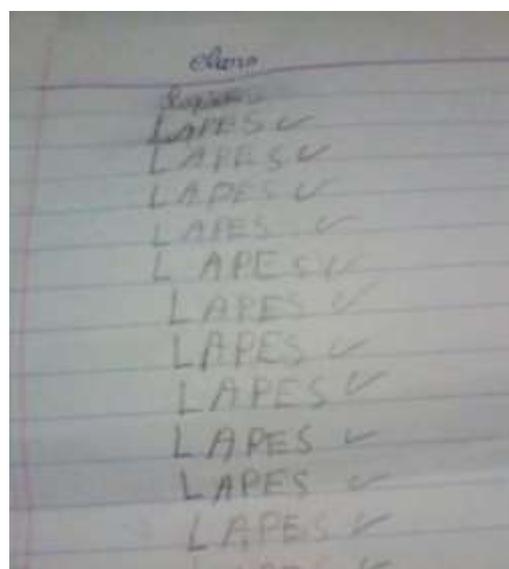
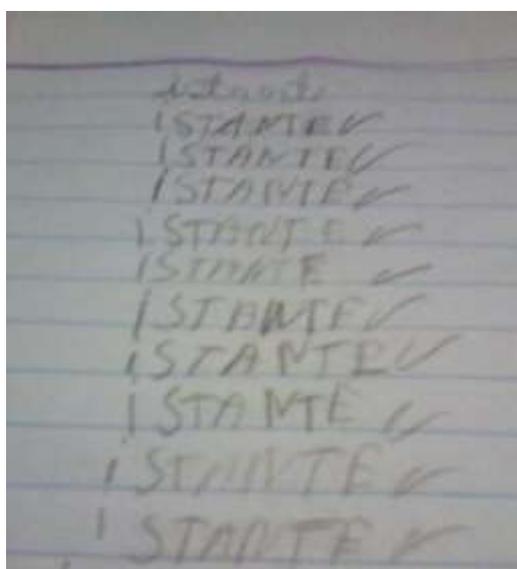
Na abordagem metodológica, utilizamos o relato de experiência da aluna Clara Suymê, do 2º ano do ensino fundamental I da Escola Santo Antônio de Campina Grande-PB, na qual estamos desenvolvendo atividades referentes ao processo de alfabetização, a fim de contribuir no aprimoramento da escrita e leitura dos educandos. Como referencial teórico foi utilizado às concepções de FERREIRO (2000); SIMÕES (2006); SOARES (2008); MICOTTI (2009) e RUSSO (2012) para fundamentar nas discussões acerca da aquisição da escrita e leitura, isto é, do processo de alfabetização no ambiente escolar.

RESULTADOS

Os resultados que obtivemos foram os melhores possíveis, pois Clara continua incentivada e ao mesmo tempo incentivando e ensinando a mãe a ler e a escrever. Pois diante do relato de sua mãe, podemos observar sua imensa alegria com o avanço e desenvolvimento de sua filha. E outro resultado positivo, foi sua volta para escola, depois de muitos anos sem estudar, Clara consegue despertá-la para um novo recomeço. Abaixo as imagens de suas atividades que realizou com a mãe:



Acreditamos que, Clara tenha começado a ensinar a mãe da mesma forma que ela aprendeu que foi o de fazer cópia, mais no momento queremos enfatizar o lado bom dessa história. Como vemos nas duas imagens, percebemos que a primeira palavra Clara escreveu, para em seguida a mãe continuar fazendo, em letras maiúsculas, cremos que é a forma mais fácil pra mãe, e ao lado o visto da própria Clara.



E como Clara ainda esta em processo de aprendizagem como podemos ver nas imagens, em algumas palavras ela ainda sente dificuldades, mas como boa aluna, interessada, obediente, a mãe seguiu do mesmo jeito, pois Clara entendia que ambas as palavras estariam certas. A mesma ainda nos contou que fez atividades com lista de compras, que pra elas era de suma importância, para uso próprio para fazer suas compras do mês.

E por fim, podemos comprovar através das imagens ilustradas abaixo que a aluna esta lendo fluentemente diante de todos os seus colegas na sala de aula:



DISCUSSÃO

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, a palavra *educação*, é definida como: “Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando sua maior integração individual e social”.



Neste caso, a criança não aprende somente diante de um educador ou somente num ambiente escolar, mas todas as pessoas que estiverem ao redor dela e os diferentes recursos de ensino irão fazer parte de seu processo de aprendizagem (RUSSO, 2012).

Pois como fala FERREIRO (2000):

Muitas vezes tem se enfatizado a necessidade de abrir a escola para a comunidade circundante. Curiosamente, no caso onde é mais fácil abri-la é onde a fechamos. A criança vê mais letras fora do que dentro da escola: a criança pode produzir textos fora da escola enquanto na escola só é autorizada a copiar, mas nunca a produzir de forma pessoal. A criança recebe informação dentro, mas também fora da escola, e essa informação extraescolar se parece à informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar (FERREIRO, 2000, p. 97).

Isso quer dizer, que é preciso consideramos a criança como um futuro cidadão, capaz de pensar por si, nós, educadores, teremos que lhe dar condições de ser autônoma, levando-a a resolver seus problemas e evitando dar-lhe as respostas. Assim, a criança deve ter liberdade para interagir com os colegas e com o professor, e ter autonomia para interagir com o objeto do seu conhecimento (RUSSO, 2012). Pois, felizmente, a criança de hoje, nunca irá esperar pelos seus 06 anos, para começar a aprender. Desde que nasce é construtora de conhecimento. No esforço de compreender o mundo que a rodeia, levanta problemas muito difíceis e abstratos e trata por si própria, de descobrir resposta para ela (FERREIRO 2000).

Então, a dúvida que segue é, qual será o papel do professor no que se refere a aprendizagem? Como responde Emília Ferreiro (2000), não subestimamos a importância da escola, ao contrário, cremos que ela pode cumprir um papel importante e insubstituível. No entanto, este não deveria ser o de dar inicialmente todas as chaves secretas do sistema alfabético, mas o de criar condições para que a criança as descubra por si mesma. Ou seja, o papel do educador não será tolher a criatividade do aluno, e sim ensiná-la a aprender, a qual a própria criança será capaz de elaborar suas hipóteses e



estabelecer relações, a partir de intervenções adequadas, de construir o próprio pensamento (RUSSO, 2012). Pois assim, a alfabetização com qualidade nos anos iniciais contribuirá positivamente para a aprendizagem nos anos seguintes e para o desenvolvimento da criança.

Diante deste fato, em um dos nossos trabalhos do PIBID (Programa de Iniciação à Docência) na Escola Santo Antônio de Campina Grande – PB, na sala do 2º ano, tarde, nos deparamos com uma situação comovente e que nos deixou muito feliz, uma garotinha chamada Clara Suymê, teve a iniciativa de ajudar a mãe, ensinando-a a ler. Depois de nossas aulas de reforço, ficou subentendido que ela precisava de incentivo e força para aprender a cada dia mais.

Prestamos atenção, em certo interesse depois de algumas aulas de reforço, as quais começaram pela leitura e escrita, e todos os dias que temos na escola, a aluna indaga: “Tia eu já estou lendo bem, sem gaguejar? Tia e minha letra? Já está boa né! A professora do ano letivo, que acompanha todas as crianças da sala, nos relatou que ela vinha sempre com as atividades de casa, sem fazer, pelo fato da mãe não ensiná-la, pois como saberia ensinar a própria filha se ela mesma nem sabia ler? Contudo, para nossa surpresa, Clara nos contou que estava ensinando a mãe a ler, por conta própria ela teve esse desejo de ensinar, começando pela própria forma talvez, que aprendeu, o de fazer cópia. Escreveu alguns nomes em folhas separadas e deu para mãe repetir.

As crianças não aprendem simplesmente porque veem os outros ler e escrever e sim porque tentam compreender que classe de atividade é essa. As crianças não aprendem simplesmente porque veem letras escritas e sim porque se propõem a compreender por que essas marcas gráficas são diferentes de outras. As crianças não aprendem apenas por terem lápis e papel à disposição, e sim porque buscam compreender o que é que se pode obter com esses instrumentos. Em resumo: não aprendem simplesmente porque veem e escutam, e sim porque elaboram o que recebem, porque trabalham cognitivamente como que o meio lhes oferece” FERREIRO (2000 apud WEISZ,



2012, p. 198).

Surpreendemo-nos de forma grandiosa sim, pois nós não dissemos nada para Clara, a força de vontade brotou do seu próprio coração, e assim entendemos de fato e de verdade que esta criança já mostra sua capacidade de cidadã, de pensar e agir por si própria, o que nos resta fazer agora é continuarmos levando ela pelo caminho certo, de incentivo e conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi possível constatar a relevância do processo de alfabetização no ambiente escolar para a vida do aluno fora dele, bem como a realização de um trabalho docente comprometido pedagogicamente. Pois, o processo de alfabetização é de extrema importância para promover, não apenas a aprendizagem referente à leitura e escrita aos educandos, dos conhecimentos e saberes escolares, mas contribuir para seu desenvolvimento social, cultural, moral, que por sua vez, possibilita aos educandos tornarem-se futuros cidadãos reflexivos diante da realidade em que estão inseridos na sociedade. Por essa razão, é de fundamental relevância que, os educadores do ensino fundamental I tenham consciência da responsabilidade de ser um profissional mediador e orientador comprometido em sua prática educativa. Dessa forma, o exercício do trabalho docente deve surtir resultados satisfatórios e proficientes em seu campo de atuação, e jamais se isentar da responsabilidade requerida dessa profissão, a qual tem como principal função, satisfazer as necessidades de aprendizagens de sua “clientela”, isto é, dos seus alunos. Visto que, o papel do professor e sua atuação no ambiente escolar exercem grande contribuição no processo de aprendizagem da leitura e escrita. Todavia, foi de grande valia oportunidade realizarmos o presente trabalho, pois é com enorme satisfação contribuir para o desenvolvimento da aluna Clara Suymê, a



qual não era alfabetizada ao iniciar o 2º ano do ensino fundamental I.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 25, ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 2000.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos**. Maria Cecília de Oliveira Micotte (Org.); prefácio de Josette Jolibert. – São Paulo: Contexto, 2009.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SIMÕES, Darcilia. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave** / Darcilia Simões. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

WEISZ, Telma. **Como se aprende a ler e a escrever ou Prontidão: um problema mal colocado**. In: São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Ciclo Básico. São Paulo, 1989.